N.º 467. Anno de 1830

DIARIO DE PERNAMBUCO.

Subscreve-se na Tipografia do mesmo Diario rua Direita N.º 297 1.º andar em mezes por 640 reis huma folha que sahirá todos os dias uteis.

QUINTA FEIRA 2 DE SETEMBRO. *S. Estevaõ Rei.*

Preamar as 4 horas e 30 minutos da tarde.

Continuaçaõ das maximas politicas do virtuoso, e sabio Bispo Fenelon.

DIALOGO 16.

Socrates e Alcebiades.

BOM Governo he aquelle, onde os Cidadaõs saõ educados no respeito das leis, no amor da Patria, e do genero humano, que he a grande Patria.

Socr. — Ora eis-vos prudente a' vossa custa, e a' custa d'aquelles, a quem enganasteis. Vos podieis ser o digno heröe de huma nova Odysséa; porque visteis em vossas viagens maior numero de povos, do que Ulysses vio nas suas.

Alceb. — Naõ me falta experiencia, o que me falta he sabedoria: mas ainda que zombeis de mim, naõ podeis negar, que hum homem, que viaja, e estuda seriamente os costumes de muitos povos, aprende muitas cousas.

Socr. — Verdade he, que se este estudo fôra bem feito, podia engrandecer muito o espirito: mas para isto he preciso hum verdadeiro filozofo, hum homem tranquillo, e applicado, que se naõ deixe tomar, como vos, d'ambiçaõ, e do prazer; hum homem sem paixões, e sem prejuizos, que procure o que houver de bom em cada povo, e descubra o bem, e mal, que as leis tem feito a cada paiz. Na volta desta viagem hum filozofo seria hum excellente Legislador: mas vos nunca fosteis o homem capaz de dar leis; o vosso talento era para as quebrantar. Apenas tinheis sahido da infancia, aconcelhasteis a vosso tio Pericles, que se mettesse em guerra para evitar dar conta dos dinheiros publicos. Eu creio, que ainda depois de morto serieis hum perigoso guarda das leis.

Alceb. — Ora naõ fallemos nisso: eu vos peço. O rio do esquecimento deve apagar todas as minhas faltas. Fallemos dos costumes dos Povos. Eu naõ achei em toda a parte, se naõ rotinas, e mui poucas leis. Todos os barbaros naõ tem outra regra, se naõ o habito, e o exemplo de seus pais: os mesmos Persianos, cujos costumes do tempo de Cyro tanto nos gabaõ, naõ tem vestigio algum dessa virtude. O seu valor, e magnificencia mostraõ hum natural excellente; mas corrompido pela moleza, e mui groceiro fausto. Seus Reis, encensados, como idolos, naõ podiaõ ser homens de bem, nem conhecer a verdade: a humanidade naõ pode sustentar com moderaçaõ hum poder taõ desordenado, como o delles. Imaginaõ, que tudo he feito para elles; zombaõ da honra, do bem, e da vida dos outros homens. Nada mostra tanta barbaridade, como esta forma de Governo; porque naõ ha' leis, onde a vontade de hum so' homem, cujas paixões saõ todas lisonjeadas, he a lei unica. (1)

(1) O' que farroupilha, que he o sancto Bispo Fenelon! Comparem-se estas maximas com a doutrina de Mr. Saruê, ou Salguês, copiada pelo Cruzeiro, que ha' perto de hum anno nos encampa, que naõ ha' cousa guapa, como o governo de hum Monarca, que governa sem esse trambolho de Constituiçaõ, de Deputados, de Concelhos Provinciaes, e outras cousas, que taõ feias parecem a' certos Snrs. Dezembargadores; quando Governo celestial he aquelle em que o Principe tem nas estantes dos Ministros huma cousa chamada lei fundamental, que elles torcem, retorcem, mudaõ, invertem, reformaõ, encaxaõ, e desencaxaõ a seu geito, e bel prazer: e viva Deos; que naõ ha'

Socr. — Aquelle paiz naõ convinha a hum genio taõ livre, e atrevido, como o vosso. Mas naõ achaes, que a liberdade de Athenas esta' na extremidade opposta?

Alceb. — Sparta he a cousa melhor, que tenho visto.

Socr. — Naõ vos parece contraria a' humanidade a escravidaõ dos Ilotas? Passai afoitamente aos verdadeiros principios: desfazei-vos de todos os prejuizos; confessai, que nisto os Gregos saõ hum pouco barbaros. He permittido a huma parte dos homens tractar a outra, como bestas de carga?

Alceb. — Porque naõ, se fôr hum povo subjugado?

Socr. — O povo subjugado sempre he povo: o direito de conquista he hum direito menos forte, do que o da humanidade. O que se chama conquista passa ao cumulo da tyrannia, e execraçaõ do genero humano, se o conquistador naõ tem feito a conquista por huma guerra justa, e naõ tornar feliz o povo conquistado, dando-lhe boas leis. Naõ he pois permittido aos Lacedemonios tractar taõ deshumanamente os Ilotas, que saõ homens, como elles. Que horrivel barbaridade naõ he ver hum povo, que zomba da vida de outro, e nenhum caso faz da sua vida, e tranquilidade!

Assim como hum chefe de familia, nunca se deve encasquetar da grandeza da sua caza a ponto de querer perturbar a paz, e tranquilidade publica de todo o povo, de que elle, e sua familia naõ saõ mais, do que hum membro; do mesmo modo he insensato, brutal, e pernicioso, que o Chefe de huma Naçaõ faça consistir a sua gloria em augmentar o poder do seu povo, perturbando a paz, e liberdade dos povos vizinhos. Hum povo naõ he menos membro do genero humano (que he a sociedade geral) do que huma familia he membro de huma Naçaõ particular. Cada hum deve mais incomparavelmente ao genero humano, que he a grande patriá, do que a' patria particular, donde nasceo: he por tanto muito mais pernicioso offender a justiça de povo a povo, do que offendella de familia a familia contra a propria republica. Renunciar ao sentimento de humanidade he naõ so' faltar a' civilidade, e cahir em barbaridade, mas a mais desnaturalizada cegueira dos salteadores, e selvagens; he naõ ser homem, he ser antropophago.

Alceb. — Vos tomais o caso em grosso? Parece-me, que ereis mais de chança la' no outro mundo: vossas ironias picantes tinhaõ alguma cousa de mais joviaes.

Socr. — Eu naõ sei chasquear sobre cousas taõ serias. Os Lacedemonios desprezaraõ todas as artes pacificas, reservando somente a da guerra: e como a guerra he o maior dos males, elles so' sabem fazer mal, e disto alardeaõ, menoscabando tudo quanto naõ he destruiçaõ do genero humano, e naõ pode servir para a gloria brutal de hum pugillo de homens, chamados Spartanos. Releva, que outros homens cultivem a terra para os nutrir, ao mesmo tempo, que se guardaõ para assolar as terras vizinhas. Elles naõ saõ sobrios, austeros contra si mesmos para serem justos, e moderados a respeito dos outros; porém sim saõ duros, e ferozes contra tudo, que naõ he a patria; como se a natureza humana naõ fosse mais sua patria, do que Sparta.

A guerra he hum mal, que deshonra o genero humano: se todas as suas historias podessem ser sepultadas em hum esquecimento eterno, seria mister esconder a' posteridade, que homens foraõ capazes de assassinar outros homens. Todas as guerras saõ civiz; porque he sempre hum homem, que derrama o seu proprio sangue, e despedaça as proprias entranhas: quanto mais extensa, mais funesta a guerra: logo a dos povos, que compõe o genero humano ainda he pior, que a das familias, que perturbaõ huma Naçaõ. Naõ he permettido pois fazer a guerra, se naõ a mau grado, e no ultimo extremo para repellir a violencia do inimigo. Como he que Lycurgo naõ teve horror de formar hum povo occioso, e imbecil para todas as occupações doces da paz, e naõ lhe deo outro exercicio de espirito, se naõ o de offender a humanidade por meio de guerra?

---

governo de gente, como este: o mais he pensar, como Fenelon, que era hum Bispo, e Mestre do Principe; porém muito asno, e demagogo. Quem tem muita virtude, desinteresse, e sabedoria saõ os Redactores do Cruzeiro, e Amigo do Povo, cujos escriptos mostraõ com evidencia a quantidade, que destas virtudes tem seus authores.

Alceb. — A vossa bilis exalta-se com rasaõ: mas achaes melhor hum povo, como o de Athenas, que leva ao ultimo apuro as artes de tinadas a volupia? Mais val sofrer genios ferozes, como os de Lacedemonia.

Socr. — Como estaes vos mudado! Ja' naõ sois aquelle homem taõ enfamado: as margens do Stygio fazem mudanças celebres: mas talvez assim falleis por condescendencia; porque toda a vida fosteis hum Proteu nos costumes. Seja o que for, confesso, que hum povo, que pelo contagião dos costumes leva o fausto, a molesa, a injustiça, e a fraude a outros povos, obra ainda pior, do que aquelle, que naõ tem outra occupação, outro mesmo, senão o de derramar sangue; porque a virtude he mais preciosa aos homens, do que a vida. He sim louvavel Lycurgo por haver desterrado da sua republica todas as artes, que só servem para o fausto, e sensualidade: mas he inexcusavel por ter tirado a agricultura, e as outras artes necessarias para huma vida simples, e frugal. Não he vergonhoso, que hum povo não se baste a si mesmo, e lhe seja precizo outro povo applicado a agricultura para o sustentar?

Alceb. — Pois bem: dou vos de barato, que assim seja: porem não apreciaes mais a severa disciplina de Sparta, e a inviolavel subordinação, que submette a mocidade aos velhos, do que a desenfreada relaxação de Athenas?

Socr. — Hum povo estragado por huma excessiva liberdade he o mais insuportavel de todos os tyrannos: assim que a plebe levantada contra as leis he o mais insolente de todos os senhores: mas he mister guardar a mediania (2) Esta mediania he, que hum povo tenha leis escriptas, sempre constantes, e consagradas por toda a Nação; que sejão acima de tudo; que aquelles que governão naõ tenhão auctoridade, senão por ellas; que possão tudo para fazer bem, conforme as leis, e nada contra as mesmas leis para fazer mal. (3) Eis o que os homens, se não fossem cegos, e inimigos de si mesmos, estabeleceriaõ unicamente para a sua felicidade: mas huns, como os Athenienses, destroem as leis no receio de dar muita auctoridade aos Magistrados, por quem as leis deveriaõ reinar; outros, como os Persianos por hum respeito superesticioso as leis, põe-se em huma escravidaõ tal sob o jugo d'aquelles que deveraõ fazer reinar as leis, que estes são os que reinaõ, e naõ ha' mais outra lei real, senaõ a sua vontade absoluta. (4) Desta maneira huns, e outros apartaõ-se do fim, que he huma liberdade moderada so' pela auctoridade das leis, de que aquelles que governaõ naõ devem ser mais, do que simplices defensores.

Aquelle que governa deve ser o mais obediente a lei. A sua pessoa desligada da lei, naõ he nada (5) e naõ he respeitavel, senaõ quando sem interesse, e paixões he a lei viva para o bem dos homens. D'aqui ajuizai, quanto estaõ ainda na barbaridade os Gregos, que tanto desprezaõ os barbaros! A guerra do Peloponezo, em que o ciume ambicioso de duas Republicas poz fogo a tudo por 28 annos, he huma prova funesta desta verdade. Vos mesmo, que aqui fallaes, naõ lizonjeastes huma vezes a ambiçaõ triste, e implacavel dos Lacedemonios, outras vezes a ambiçaõ dos Athenienses ainda

---

(2) Esta mediania he, que eu advogo, e naõ encontro no ajoujo columnista, Cruzeiro, e Amigo do Povo, duas laminas dignas da eterna batuta.

(3) Isto, Mr. Fenelon, isto he o que querem os Constitucionaes; naõ porque o Nosso Imperador naõ seja hum Monarca Excellente: mas porque naõ he eterno, e huma Naçaõ deve olhar pela sua felicidade prezente, e futura. Os columnas querem, que o Monarca possa fazer bem, e mal; porque querem o bem para si, e o mal caîa la' sobre quem cair; querem assim humas commendas, huns Titulos, humas Prezidencias (ó isso he baba de Môça); e para os farroupilhas ferros, degredos, injustiças, e desprezos. Boa laia de patricios saõ os nossos cogumelos!

(4) Eis o motivo da ojeriza, que tem muitos Snrs. Magistrados a Constituição: no antigo systema elles eraõ Legisladores, e executores. Que mina! Que delicia! Ora a Constituiçaõ tira-lhes esta maminha; como pode prestar para nada semelhante Constituiçaõ?

(5) Ui! Que blasfemia do Bispo Fenelon! Que tal o farroupilha! O' la' do Amigo do Povo, veja como se ata com o demagogo Prelado de Cambray. Descomponha-me a alma deste farroupilha, fogo nelle.

mais vãa, e ridicula? Athenas com me-
nos poder fez maiores esforços, e triun-
fou por muito tempo de toda a Grecia;
mas em fim succumbio de pancada; por-
que o despotismo do povo he hum poder
louco, e cégo, que forceja contra si mes-
mo, e so' se faz absoluto, e acima das le-
is para acabar de se destruir. (6)

Alceb. — Agora acabo de crer, que
naõ obrou mal Anito em vos fazer beber
hum pouco de cicuta, e que a vossa poli-
tica ainda era mais temivel, do que a vos-
sa nova Religiaõ.

Avizos Particulares.

HIPOTECA-SE hum eitio com grande
caza de vivenda de pedra e cal, dis-
tante desta Praça huma legoa, por qui-
nhentos e tantos mil reis que deve o a-
nunciante a caza do falecido Caetano de
Carvalho Rapozo; quem quizer fazer es-
ta dezobriga (que he muito comoda por
ser Letras mençaes) anuncie a sua mo-
radia para ser procurado, e se tratar do
ajuste.

O abaixo assignado tendo por noti-
cia, que pessoas de ma' consciencia sedu-
zem a sua Mãi, pessoa que por seus a-
chaques fizicos e idade avançada se acha
em extrema debilidade de espirito, e ate'
sem reminiscencia; para vender huma
morada de cazas, e hum tal Snr. Sacer-
dote a induz a lhe passar papel de hum
escravo para lhe dizer missas pela alma
previne ao Publico, que qualquer con-
tracto com dicta sua mãi he nullo pelas
razões expendidas, e protesta publicar os
nomes de tão indignos sedutores, se elles
se não cohibirem de semelhante mal-
dade.

Felippe Ribeiro Padilha.

---

(6) Esta, quanto a mim a verdadeira
regra da politica: fogo nos demagogos,
fogo nos columnas. Ninguem tem dicto
melhor, que o Nosso Immortal Impera-
dor! — Naõ acrediteis os que lisonjeaõ o
Povo, nem os que lisonjeaõ o Monarca.
— Sabio conceiho! He este o termo-
metro do

Trambolhista.

Vende-se.

BIXAS effectivamente, de muitó boa
qualidade chegadas nas ultimas em-
barcações do Porto, e Lisboa, a preço de
80 rs. a 320 cada huma, e em porções
sera' muito mais em conta: na venda
grande de 4 portas, da rua do Vigario
N.° 22, de Joaquim Pires de Almeida
Lopes, na esquina que volta para o Forte
do Mato.

Por precizão, um moleque criollo,
com a idade de 20 annos, bom cuzinhei-
ro, sem vicio, nem defeito algum, agil
para qualquer serviço, e com as milhores
qualidades possiveis em um escravo: na
Praça da Boa-vista venda N.° 18, junto
a caza do Gama.

Huma escrava crioula de 25 annos,
desembaraçada para o serviço de caza,
lava, e engoma lizo: na Trempe junto
ao sobrado.

Athe 6 do corrente, bilhetes e meios
bilhetes, da primeira Loteria a beneficio
dos Emigrados Portuguezes, com o reba-
te de 30 por cento, e no dito dia se retira-
raõ da venda os que existirem; nas lojas
de Ignacio Joze Marques Braga, na rua
do Crespo, e na de Antonio Alves de Sou-
za Carvalho, rua da Cadeia.

Leilão.

QUe fazem N. O. Bieber & Compa-
nhia no dia Sexta feira 3 do corren-
te mez, pelas 10 horas da manhã de fa-
zendas de algodão e linho na caza de sua
rezidencia rua da Cruz N.° 63.

Alluga-se.

HUMA morada de caza terria em S.
Antonio ou Boa-vista, que tenha
quintal murado, regulando 12 braças de
fundo, e 4 de largo, ainda mesmo que a
caza naõ tenha comodos: anuncie por
este Diario.

Amas de Leite.

PRECIZA-se de uma com a maior ur-
gencia: na rua do Amparo em O-
linda sobrado N.° 22; e havendo no
Recife quem queira hir para aquella Ci-
dade, pode entender-se com o Adminis-
trador da Tipografia deste Diario, na cer-
teza de que sendo a ama sadia se ajustará.

Pernambuco na Typografia do Diario.